

MEMÓRIAS QUE CURAM: SABERES E FAZERES ANCESTRAIS DO QUILOMBO DOM JOÃO¹

Joselita Gonçalves dos Santos Borges²

*“vou aprender a ler para ensinar meus camaradas”
(Massemba Roberto Mendes)*

RESUMO

O presente ensaio é resultado do trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Ciências Sociais. Visa reunir um pouco da formação que obtive no curso em diálogo com os conhecimentos que trouxe para a universidade, e que fazem parte da minha ancestralidade e acionados através da memória que tenho da minha família, que muito me ensinou, e das práticas que vivencio como uma mulher quilombola que sou. Para elaborar esse ensaio articulei algumas categorias como escrevivência, confluências, oralituras, território educador, para construir essa narrativa que fala sobre meu percurso na vida e na universidade.

Palavras-chave: Quilombo Porto Dom João - história; Borges, Joselita Gonçalves dos Santos - autobiografia; tradição oral.

ABSTRACT

This essay is the result of my final project for my degree in social sciences. It aims to bring together some of the training I received during the course in dialogue with the knowledge I brought to university, which is part of my ancestry and activated through the memory I have of my family, who taught me a lot, and the practices I experience as a quilombola woman. To prepare this essay, I articulated some categories such as writing, confluences, oral literature, and educational territory, to construct this narrative that speaks about my journey in life and at university.

Keywords: Quilombo Porto Dom João - history; Borges, Joselita Gonçalves dos Santos - autobiography; oral tradition.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Gomes de Souza.

² Bacharela em Humanidades e graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Eu sou Joselita Gonçalves dos Santos Borges, estudante do curso de licenciatura em ciências sociais, e estou aqui para contar um pouco para vocês a minha escrevivência, no que estou chamando de memórias que curam. Estou partindo das minhas lembranças e trajetória de vida, respaldada pela educação ancestral, que todos nós recebemos, mas também por aquilo que consegui aprender na universidade, desde que ingressei na UNILAB e que vou aprendendo cada dia mais e somando com as aprendizagens da vida. Aviso que este trabalho de conclusão de curso valorizou a oralidade, e escolheu contar para vocês a minha escrevivência como se a gente tivesse numa conversa embaixo de uma mangueira em Dom João, convido vocês a continuarem a conhecer sobre a minha filosofia.

Para a elaboração desse trabalho de conclusão de curso, invocamos os conceitos de oralidade, de Leda Maria Martins, as escrevivências de Conceição Evaristo e confluência, saberes sintéticos e orgânicos do saudoso amigo Antônio Bispo dos Santos.

Outro conceito que foi importante para a realização desse trabalho, foi refletir sobre como a comunidade quilombola de Dom João tem se tornando um território negro educador, ou de certo modo, os quilombos sempre foram territórios educadores. Entretanto, confesso que ingressar na universidade, ingressar na UNILAB, tem me levado a essa reflexão, como também tem proporcionado produzir vários encontros com professores, professoras, estudantes e colegas que transformam a comunidade na sala de aula, ou melhor, ampliam a sala de aula até a comunidade.

Assim, mandei chamar meu povo! Chamei companheiras e companheiros de luta para ajudar a rememorar as várias experiências de aprendizagem que já passaram pela comunidade de Dom João! E que terei muito prazer de apresentar um bocadinho delas aqui para vocês.

A partir da “oralitura”, como pensado por Leda Maria Martins, fomos construindo as pontes entre a literatura que queria dialogar, com as experiências e memórias que queria contar. Através da oralitura pude ir produzindo traduções dos textos e autores

e autoras que fariam sentido para o que estou tratando e fui, junto com a minha orientadora, identificando novos métodos e possibilidades de consumir o texto e produzir os discursos e narrativas que estão aqui. Como por exemplo, ler e produzir áudios a partir do whatzap, produzir e fotos e vídeos com ajuda dos colegas da UNILAB, realizar oficinas sobre plantas e ervas medicinais e produção de travesseiros de ervas, assim como aprendi com minha tia.

Leda Martins vai dizer que “conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, os meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam”. Representa o registro dos saberes inscritos na dicotomia entre a oralidade e a escrita. Acredito que nessa experiência de TCC tentamos tomar a oralitura enquanto método.

No âmbito da oralitura “gravitam não apenas os rituais, mas uma variedade imensa de formulações e convenções que instalam, fixam, revisam e se disseminam por inúmeros meios de cognição de natureza performática, grafando, pelo corpo imantado por sonoridades, vocalidades, gestos, coreografias, adereços, desenhos e grafites, traços e cores, saberes e sabores, valores de várias ordens e magnitudes [...] assim como diversas possibilidades de rasura dos protocolos e sistemas de fixação excludentes e discricionários” (Martins, 2023, p. 26). Me parece que é como temos experimentado na UNILAB, onde diversas formas de ensino e aprendizagem passam a fazer parte da nossa formação, valorizando, inclusive, também o que a gente traz com a gente. Assim, já pude falar da minha filosofia, que vem da minha família, da relação com a maré, com a comunidade de Dom João, com o ser mãe, com o ser filha, com a relação que tenho com o samba, com as plantas medicinais, com o território, com o sagrado, com a dor, mas também com a alegria.

Esse trabalho de conclusão de curso é uma reunião de várias coisas que me marcaram nesses seis anos que estou na universidade. Reuni um pouco das minhas memórias, da minha trajetória de vida, ou como intitulei no TCC defendido no bacharelado interdisciplinar – Essa é a minha filosofia--, conto um pouco da minha relação com as plantas e ervas medicinais de Dom João, e que agora tenho

organizado esses saberes em oficinas que tenho desenvolvido em componentes na universidade e também em encontros que participo. E finalizo trazendo a experiência do território educador do quilombo de Dom João. Estão todes convidades, podem entrar!

2 UM POUCO SOBRE A MINHA TRAJETÓRIA: A SABEDORIA QUE VEM DA MEMÓRIA ANCESTRAL

Meu pai veio de Sergipe, num navio cargueiro, e conheceu minha mãe aqui em São Francisco do Conde. Ele comercializava com cana, e vinha de Salvador, de barco para cá. Minha mãe teve três filhas, ele comprava cana aqui para vender na feira de Água de Menino, que hoje é a São Joaquim, e também na feira do Cortume, que fica ali debaixo do viaduto dos motoristas.

E minha avó também teve três filhas mulheres e um homem, e moravam no Engenho de Baixo. Depois foram para Salvador, morar no bairro do Pero Vaz. Elas sobreviviam trabalhando na fazenda e na pesca. E minha tia Tutua sempre morou aqui em Dom João. Com a morte de meu tio, Zé Miguel, que era funcionário da prefeitura, guarda municipal, há 15 anos atrás, ele ficou doente e faleceu, tivemos então que voltar com mãe, para São Francisco do Conde, que antigamente não era São Francisco do Conde, chamava Vila.

A educação ancestral é ensinada pelos pais, avós, bisavós para que esta tradição seja continuada entre os filhos, netos, bisnetos, mas com o tempo, muitos seguem outras religiões. Como em minha família, que minha mãe Maria Augusta era espírita, meu pai Ezequiel era candomblecista, eu conheci outros familiares que eram católicos e tinham que fazer o catecismo, era uma obrigação fazer a primeira comunhão, não tínhamos escolha, seguir seus pais, quando ficava maior, poderia seguir o que quisesse.

Hoje eu lembro quando meu pai me levava para o terreiro para fazer alguma limpeza de corpo, a nossa condição era pouca, mas o pai de santo, usava o que tinha, passava a lista para comprar as coisas, meu pai dizia que não tinha dinheiro para comprar.

Usava ovo, vela, pipoca, pano branco, usava banho, mas o mais importante era a fé que ele tinha, mesmo com o pouco. Meu pai tinha um coração com confiança no que ele acreditava e que lhe foi ensinado.

As rezas que me foram ensinadas, como vento caído, olhado, peito aberto e outras, naquela época não tinha muito conhecimento, e meu pai não fez este ensinamento ser uma prioridade, como ele fez com o caruru e a reza de Santo Antônio, que fui obrigada aos dez anos me tornar uma rezadeira. Quando chegava o mês de junho, entre os dias onze a vinte e três, vinte e quatro, era uma festa grande, muitos idosos já estavam bem velhinhos, mas mesmo assim participavam. Em uma dessas noites que era o último dia, meu pai me chamou e disse que tinha uma ladainha, uma reza muito importante na noite de Santo Antônio, então me vestir de homem para tirar a ladainha, para mim foi uma noite muito importante, eu tinha facilidade de decorar as rezas. Não deixei meu ensinamento ser esquecido, hoje sou esta mulher negra, aos 66 anos, terminando mais uma graduação.

Me lembro quando sentíamos qualquer dor, meu pai só dava chá e pegava as folhas, botava dentro do pano, passava com o ferro que era de carvão ou esquentava as folhas na tampa da panela, e botava no lugar da dor. Podia ser na barriga para cólica, na cabeça ou quando tomava pancada, quando tinha alguma torção, e etc.

Os remédios caseiros eram feitos por pessoas mais velhas que tinham muitos conhecimentos como cuidar das plantas medicinais, também como cultivar, sabiam o horário, porque tinham seus encantamentos e respeito pelos lugares sagrados onde eram guardados, como na mata, no mar, no rio, na lagoa, nas marés, pois também tem remédio feito com as coisas do mar.

O incenso era usado para defumação da casa toda, quando sentíamos que estava pesado demais, quer dizer, chegava trazendo carga espiritual mais pesada, como se tivesse sentindo um arrepio ou vulto, não conseguia dormir, espreguiçando demais. Os mais velhos já sabiam o que fazer. Fazia limpeza também nas pessoas todas da casa ou em quem estivesse e quem chegasse, isso era para não acontecer mal nenhum as pessoas mais próximas e que estivessem longe também, se fosse

quebrado o mal na fé, seria também pessoas de longe, é a mesma coisa de reza ou oração para todos da família.

Anos de caminhada com meu pai Ezequiel, um homem com sua crença e tudo que foi lhe ensinado pelo seus pais, era passado para seus filhos, e tudo era feito com muita fé. Ele era adepto de Santo Antônio e São Cosme e Damião. Por muitos anos ele rezava 13 noites para Santo Antônio, cada noite servia comida e bebida, no último dia também tinha samba. Na época, minhas irmãs tiveram muitos problemas de saúde, ele acreditava na cura através das folhas, incenso, banhos, limpeza, reza.

Houve uma época que minha irmã teve uma tuberculose e foi internada no hospital Santa Terezinha, ela não aguentava mais tomar os comprimidos, eram muitos, ele levava banana para ela comer e engolir os comprimidos, dizia que a banana é fruta sagrada e rica em cura. Meu pai nos ensinava a fazer um colchão de capim com folhas para cura. Era usado capim seco e folhas secas que serviam para combater as dores, chás, banhos e limpezas.

O colchão era construído com capim seco e com folhas de cidreira, capim santo, capim limão, erva-doce e água de elevante. Costurava dois sacos de linhagem para ficar do tamanho do colchão de solteiro. Colocava primeiro o capim seco, arrumava bem arrumado para ter o mesmo nível e depois colocava as folhas de cura que serviam para dores como cólica, dor de barriga, prisão de ventre, urina solta, barriga enxada e enxaqueca.

Os sagrados também eram chamados juntamente com as rezas na mesa do santo, as velas coloridas eram para São Cosme e São Damião. Fazíamos pedidos, por exemplo: a minha madrastra Dina, tinha uma meta de passar no concurso federal, passamos umas horas rezando e pedindo a santo Antônio que ela conseguisse passar. Eu ainda era adolescente e vi acontecer o resultado do concurso. Hoje em dia represento os ensinamentos da ancestralidade da minha família. São eles que também me formam e através deles que me oriento na vida.

3 ENSINAMENTOS ATRAVÉS DA CRENÇA, COSTUME E DA TRADIÇÃO

No curso de ciências sociais muito a gente discute e aprende sobre crenças, costumes e tradição. Em muitos componentes e aulas me recordo de debatermos, ter feito leitura e atividades de campo para entender mais sobre esses conceitos.

Dentro de mim sempre trouxe muitas aprendizagens que fazem parte da tradição de minha família, como o ensinamento de varrer a casa, muitas pessoas varrem jogando o lixo na frente da casa, o que não pode se fazer, como nos era ensinado. Varre da frente para o fundo do quintal, para que as bençãos entrem na casa e as pessoas que chegassem fossem bem-vindas. Pai sempre falava que as pessoas quando chegassem tinham que ser bem recebidas para que tudo dentro da casa fosse abençoado. Assim, seria sempre bom servir água ou café, se fosse meio dia, era obrigação dá comida, não podia sair sem beber ou comer nada. Naquela casa não faltava nada no armário de comer, na família tinha uma tradição, tudo que fazia dava um potinho para os vizinhos, tinha muitas trocas, era muito importante.

4 A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

O que representa para mim a educação? A educação representa hoje essa mulher que eu sou. Eu sinto que foi muito tarde, mas para mim foi no tempo que eu tive. Essa é a minha hora de estar dentro da faculdade. E foi assim que eu ganhei muita coisa. Eu ganhei muita coisa, meu aprendizado, os conhecimentos, para agregar junto com a minha educação ancestral.

E isso foi maravilhoso. Foi uma maravilha, porque não só tenho hoje um conhecimento ancestral, como também tenho um conhecimento acadêmico. E estou tendo a oportunidade de saber qual é a diferença de um para o outro. Então, quero dizer que, que muito tem se falado em reinventar, mas eu não vou dizer que irei reinventar. Porque o que aconteceu é que eu ganhei mais conhecimento por ter conhecido outro tipo de educação, a acadêmica, que eu não conhecia. Então, foi o que faltava para

me completar como mulher e saber que isso é muito importante dentro da comunidade.

Esse é um momento também de agradecer por ter chegado onde eu cheguei, de poder estar junto de vocês, de saber que a UNILAB me proporcionou usar não só o meu modo de vida com a minha educação ancestral, mas também de conhecer o modo de vida através dos textos, que eu nem sabia que existia esses textos acadêmicos. E conhecer que as coisas que meu pai me falava de um modo, eu vim aprender dentro da faculdade o que ele estava falando. Na universidade, por exemplo, vocês me ensinaram o que era preconceito, racismo e outras palavras que eu tinha dificuldade de compreender. Então, hoje eu posso dizer que compreendo mais, como a palavra generalizar, também uma palavra que eu nunca tinha ouvido falar. Então, eu aprendi muita coisa.

Hoje sei que não posso usar a palavra de qualquer jeito, porque eu posso machucar as pessoas e também posso fazer alguma coisa errada, fazer algum mal na hora da minha fala. Então, isso para mim foi muito importante aprender. E como dizia meu pai, saiba entrar e saiba sair, porque se eu entrasse sem nem saber me expressar, eu poderia não falar nada, mas mesmo assim magoar.

5 REFERÊNCIA QUE ME FAZ PENSAR

Eu estava lendo o livro de Nego Bispo, e considero um livro muito importante. “A terra dá, a terra quer”, é uma expressão muito importante, muito interessante mesmo. Bispo parte da sua escrevivência dentro da fazenda, e a convivência com os grandes empresários de estar lá e tomando conta da roça.

Ele traz a verdadeira riqueza dos mais velhos ao relembrar os ensinamentos como andar dentro da mata, os cantos dos pássaros e que era passado em silêncio. Era um lugar sagrado que que ele passava, era um lugar de silêncio para não acordar quem está dormindo. Nego Bispo nos traz memórias vivas dos caminhos feitos na roça e do que ouvia dentro da mata, da fartura, da segurança e da proteção. E anima, reanima,

dá força para enfrentar os obstáculos colocados pelos perversos em nosso percurso. Isso é muito forte.

É a presença dos encantados, quando tem que entrar na mata a gente tem que ter muito cuidado. Se a gente andar conversando muito, tira a atenção, e não ouvimos o sinal de coisas boas ou também sinal de coisas ruins. Então sempre tem um aviso.

6 O QUILOMBO COMO UM TERRITÓRIO EDUCADOR

O que significa ser um território educador? Um território educador, no meu entendimento, é poder ter não só a UNILAB, como as visitas de outras universidades, mas também os jogos dentro da comunidade, as ganhadeiras dentro da comunidade, as aulas que tem, as apresentações, as caminhadas de teatro dentro da comunidade. Isso que é educação. Para mim, um verdadeiro território educador.

Porque não faz muito tempo que as pessoas passaram a entrar na comunidade para trazer o conhecimento, a educação. Mas para mim, a comunidade é isso, é esse braço, de mão dada junto com a gente. Porque a educação não é só estar dentro de uma sala de aula e sim o conhecimento chegar dentro do quilombo, dentro da comunidade.

Qualquer um que chegue aqui, uma reunião, uma visita, uma apresentação de teatro, como temos dentro da comunidade, com o teatro que tem no Monte Recôncavo, a gente aprende.

As ganhadeiras vêm fazer uma apresentação aqui dentro, com o samba. Ou as visitas dos outros quilombolas dentro da comunidade. Então, para mim, isso é muito importante e gratificante. Eu achava que a educação só podia estar dentro de uma sala de aula, mas penso hoje diferente, está também na comunidade.

A educação está em vários lugares, assim pode estar na gente pescar. A educação está na gente se unir em uma reunião para falar algo do nosso interesse dentro da

comunidade, de nossa luta. Está em uma reunião, dentro de um órgão, pedindo os nossos direitos, procurando os nossos direitos.

A gente pode aprender como fazer um projeto, ou como lidar com o digital. Esses aprendizados são importantes para a comunidade e fazem parte da educação que também precisamos. Quando olho o quanto aprendi na universidade, nunca pensei em chegar onde hoje estou.

Porque agradeço muito a UNILAB, juntamente com os meus professores, que nos ajudam dentro da comunidade. Tanto com as aulas, com os TCC, com as visitas realizadas na comunidade. Isso, para mim, é educação. Porque é uma troca de conhecimento que eu nunca pensei, nessa idade, ter essa troca de conhecimento dentro da comunidade, e que estaria tão fortalecida na luta.

De certo modo, a educação proporciona essa troca de conhecimento com as pessoas, como com as ganhadeira, com o teatro dentro da comunidade, com a experiência de um curso. Tudo isso é educação.

Mas pensando bem, ou melhor, pensando e lembrando os aprendizados do saudoso intelectual quilombola Nego Bispo, não é troca de conhecimento, é compartilhamento, porque a troca significa um relógio por um relógio e um objeto por outro objeto, enquanto os compartilhamentos temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto e o afeto não se troca, se compartilha. Quando me relaciono com afeto com alguém recebo uma recíproca desse afeto, o afeto vai e vem. Trazer essas experiências de educação para dentro do quilombo, tem sido momentos muito importantes. E também uma experiência que eu não acreditava que iria acontecer, mas que foi fundamental para a luta dentro da comunidade e um ponto positivo.

Me ressinto um pouco da secretaria de educação não reconhecer todo esse nosso movimento e projetos, e assim não nos convidar para conferências, não chama o quilombo para participar das reuniões. E isso que me deixa muito triste. Pois parece que não querem que a gente tenha conhecimento, que a gente se interesse pelas

coisas da comunidade. Com esse comportamento acabam negando o nosso direito de ter conhecimento sobre as coisas que nos dizem respeito.

7 DOM JOÃO COMO UM TERRITÓRIO NEGRO EDUCADOR - DONA JOCA MANDOU CHAMAR!

Uma das noções que utilizei é como Dom João tem se construído num território negro educador. Desde que ingressei na universidade, diversas atividades já foram realizadas na comunidade, diversos saberes, aprendizagens e ensinamentos que tem tomado o quilombo de Dom João como espaço de interlocução para as nossas atuações na antropologia, nas ciências sociais e em outras áreas de atuação.

Ao pensarmos a comunidade de Dom João como um territórios negro de conhecimento queremos reconhecer que esse espaço produz, socializa e compartilha conhecimentos próprios da sua história e tradição, e que está berto para também aprender com as pessoas e instituições que são parceiras da comunidade.

Podemos afirmar que o quilombo Dom João, para além das suas funções tradicionais, promove também um papel educador na vida dos sujeitos, importantíssimo, e tem sido particularmente importante para UNILAB e para a rede de professores, técnicos, pesquisadores, estudantes, ligada a universidade.

Nesse território educador aprendemos com e no cotidiano da comunidade, que nos faz acreditar que território educa também! É possível aprender no espaço território, aprender com as narrativas dos saberes do território e aprender com as lutas do território.

Acho importante destacar como o território tem se moldado para essa sua vocação educadora, assim, organizamos a mesa, bancos e cadeiras para que a gente sempre possa sentar em volta da mesa e assim deixar as deias circularem. As atividades sempre ocorrem em grupo e sempre damos uma volta em todo o território para que conheçam as áreas de residência e também as áreas de pesca e mariscagem. A

oralidade, a experiências, a observação estão sempre nas atividades desenvolvidas em Dom João.

Reunimos alguns depoimento, para utilizarmos nessa parte que discute a ideia do quilombo como território negro educador e a sua relação com a universidade e o mundo externo ao quilombo.

Nessa parte do TCC, apresentamos alguns relatos e registros dos inúmeros trabalhos e atividades já desenvolvidos na comunidade quilombola de Dom João, e que consagram a vocação do território enquanto um território negro educador.

8 FORMANDO LIDERANÇAS KAMITAS

Grupo de pesquisa África Brasil, o Latitudes Africanas, Per Ankh Ntu em parceria com Editora Kisimbi realizaram um conjunto de atividades, no âmbito da Semana Universitária da UNILAB (SEMUNI) e Festival das Culturas, visando a formação de lideranças conectadas com as reflexões e práticas em torno do Renascimento AfriKano. Partindo do entendimento de que a espiritualidade é uma ciência sistematizada e praticadas pelos/as ancestrais pretos que construíram as primeiras civilizações no Vale do Hapi, e, mais tarde, migraram para Kemet e outras partes de AfriKa: territórios yoruba, oio, ifé, iwé, kongo, mbundu, zulu, xona, luba, kuba, mongo, o ciclo de formação focou sobre ciência, arte, alimentação africanas na sua conexão com a espiritualidade e filosofia como modo ser-e-viver no continente mãe e nas suas diásporas. Os encontros ajudaram a despertar a ancestralidade presentes em nossas vidas.

No dia 24/11/23, o ciclo de formação, teve lugar no Kilombo Dom João. Tratou-se de uma oficina que tinha por tema: “O Poder da Espiritualidade e Alimentação Kamitas para Renascimento AfriKano”. Karabá Khepera e Ras Kijani Menfesawi de @Alkebulan.root e professor Bas’llele Ngone mediarão as conversas; e coube ao casal kamita nos revelar as magias da alimentação ankhcestral: Mukeka de Banana. Os/as estudantes presentes, com a articulação feita pela Gabriela, marcaram a sua presença e participaram ativamente. Dona Joca nos auxiliou a fazer o contato com o

senhor Zé, quilombola, que nos recebeu com braços abertos. (Professor Basilele Malomalo, UNILAB).



Foto cedida pelo(a) autor(a).

Entre abril e junho de 2023, fizemos duas visitas ao Quilombo Dom João no âmbito da componente optativa “Tópicos especiais em Cooperação Brasil-África na área de energia, tecnologia e desenvolvimento sustentável” do Bacharelado de Relações Internacionais. Nessa componente desenvolvemos um trabalho sobre as contradições da exploração de petróleo na região de São Francisco do Conde, bem como os impactos da recente transição da refinaria para os Emirados Árabes Unidos e a conexão desta realidade com a de outros conflitos e lutas socioambientais no mundo. Fomos recebidos carinhosamente por Dona Joca e Seu Zé que compartilharam conosco algumas das histórias sobre os conflitos socioambientais e impactos da exploração de petróleo no quilombo e na região, bem como ações de luta desenvolvidas ao longo dos anos. A partir da visita e também de algumas referências como as do trabalho sobre a temática do Prof. Rafael Buti em parceria com o quilombo, um aluno escreveu: “As cenas de poluição são bem marcantes na memória da comunidade quilombola de Dom João, em São Francisco do Conde, que tem como base de subsistência a coleta de mariscos no manguezal que circunda as terras banhadas pela Baía de Todos os Santos e a criação de guaiamum. Um quilombo que para além de suas lutas cotidianas pela posse da terra, lidam com um histórico de derramamentos de petróleo haja vista sua proximidade com uma base de exploração da Petrobras e dutos que transportam o óleo bruto atravessando o subsolo da comunidade (...) Essa realidade se conecta com outros territórios e espaços de

resistência, como é o caso da Ilha de Maré que vem sendo explorada pela Petrobras há mais de setenta anos e até então pouco investimento é feito nas comunidades do entorno, e outros processos de luta internacionais”.

(Professora Isabela Lamas, UNILAB).



Foto cedida pelo(a) autor(a).

Nos dias 8 e 9 de Dezembro de 2017 aconteceu o encerramento do Projeto: Corpo Encruzilhada: Tradições do Recôncavo Baiano. Conseguimos vivenciar momentos que uniram diversos saberes, preenchendo a vida com tudo que é simples e complexo, belo e chocante, forte e sensível. Para o encerramento deste projeto - que não será abandonado -, convidamos quem nos acompanha e quem quer conhecer mais sobre as tradições desse lugar que habitamos, para mais esse momento de trocas e assim encerrarmos essa primeira etapa tomando fôlego e energia para as que virão. Fizemos uma síntese do que aprendemos até aqui e também vamos vivenciar as possibilidades cênicas e existenciais dos saberes dessa encruzilhada. Fomos recebidos por dona Joca no Quilombo Dom João, por dois dias, com atividades variadas! Também praticamos a experiência do Devolver, que tem mobilizado nossas ações em conjunto como o Laboratório de Sensibilidade de Acupe. (Beatriz Borges, UFMG).



Foto cedida pelo(a) autor(a).

Apresentação do Artigo: Território Falante para conclusão da Licenciatura em Ciências Sociais (UNILAB) - Apresentação da dissertação de mestrado em Ciências Sociais(UFRB) - Apresentar ambas as pesquisas em Dom João foi uma possibilidade de contar ao território tudo que tenho aprendido e construído com as mestras e mestres de saberes e fazeres tradicionais. É um movimento Sankofa. Sendo Dom João um território falante, nós ao longo do tempo fomos criando uma relação de ensino e aprendizagem, é imensurável a sensação de poder voltar e recontar a minha história apartir da proposta do território negro educador.Uma espécie de comunicação e interlocução corpo-território-ancestralidade. Poder levar minha família para ouvir nossa história contado por mim/ nós e não pela ótica racista do poder público municipal e fazendeira é de uma experiência incrível. Eu cresci ouvindo eles contando e agora estão tendo a oportunidade de me ouvir recontando. (Naiane Pinto, Doutoranda PPGA/UFBA).



Foto cedida pelo(a) autor(a).

Realização do 2ºmódulo do Projeto Ciências Sociais para Todes, com a temática “Manguetow” - Racismo ambiental, identidades e ancestralidades; interessada nas muitas formas de discriminação no Brasil. Dentre elas, o racismo ambiental que provoca sérios impactos na vida de milhares de pessoas, que têm seus direitos violados por empresas, propriedades privadas e ausência de políticas públicas que garantam o acesso à terra e a áreas de subsistência, como manguezais, por exemplo. Para discutirmos e pensarmos alternativas de enfrentamento à tal violência, este encontro realizado no dia 10 de junho de 2023, no quilombo Dom João, no município de São Francisco do Conde-BA, apresentou diferentes perspectivas de pesquisadores e ativistas ambientais representados pelo professor Rafael Buti (UNILAB), e Joselita Borges (UNILAB), popularmente conhecida por Dona Joca, líder da comunidade quilombola Dom João.

(Mateus Lago, UNILAB)



Foto cedida pelo(a) autor(a).



Foto cedida pelo(a) autor(a).

Vivência do Componente Ciências, para discutir o mangue como um ecossistema de alimentação e saúde física e mental - Levei a turma para a comunidade de Don João. A turma dormiu na comunidade, no outro dia, acordaram muito cedo, foram para o mangue, mariscaram, cozinham e comeram. Depois do almoço, sentamos para discutir acerca da experiência e os 6 grupos já divididos na aula anterior com os temas predefinidos associaram o que pesquisaram teoricamente com a vivência: "Mangue - ecossistema propulsor de vida natural em Don João": (re)vitalização ambiental; vitalidade espiritual; alimentação terapêutica; alimentação física. (Professora Eliane Costa, UNILAB)



Foto cedida pelo(a) autor(a).

Realizei tese de doutorado sobre o significado da Ilha de Cajaíba para as comunidades quilombolas Acupe, São Braz e Dom João. Pude percorrer e mapear o território pesqueiro da comunidade e estabelecer diálogos acerca dos conflitos vivenciados pelas famílias de pescadoras/es e marisqueiras/os quilombolas. Nessa ocasião, visitamos a Ilha de Cajaíba e a Ilha do Frades utilizados coletivamente pela comunidade Dom João. Foi possível elaborar mapa de uso do território pesqueiro das comunidades quilombolas em questão. Outras atividades realizadas foram as visitas com a turma do componente de Humanidades (curso de Direito - Faculdade Ruy Barbosa) no ano de 2016, e o componente de Socioantropologia, do CECULT/UFRB, no ano de 2019. (Professora Mariana Balen, UFRB).



Foto cedida pelo(a) autor(a).



Foto cedida pelo(a) autor(a).

Reunião com Dona Joca na Procuradoria da República na Bahia (Sheila Brasileiro, MPU).



Fotos cedidas pelo(a) autor(a).

Aqui apresentei alguns dos compartilhamentos de conhecimentos que realizamos nesses últimos anos. Só selecionamos alguns, das muitas vezes que o território do quilombo Dom João cumpriu a sua missão de educar. E finalizo apresentando a experiência que realizamos esse semestre, como parte da pesquisa para o TCC, que

foi a realização das oficinas para construção dos travesseiros terapêuticos, com uso de ervas medicinais, como aprendi a fazer com a minha família.

As oficinas representam a confluência entre quilombo e universidade, conhecimento ancestral e acadêmico. Ao realizá-las na UNILAB, pude ensinar e também aprender com nossos irmãos e irmãs do continente africano que nos ensinaram outros nomes e usos para as plantas que temos na região e que também são usadas por lá.



Foto cedida pelo(a) autor(a).



Foto cedida pelo(a) autor(a).



Foto cedida pelo(a) autor(a).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje vejo porque existe muita morte, muita luta, muitos conflitos nas comunidades quilombolas, nas comunidade tradicionais, como nas comunidades indígenas. Porque na realidade, o sistema quer que fiquemos tudo atoa. Então eles não gostam que a gente seja o guardião da mata, do mar. Não querem que a gente seja guardiãs de nada. Querem passar a ser dono de tudo. A diferença da gente ser um guardião é que a gente quer conservar. E não querem que isso aconteça. A gente tem que ser guardião para guardar pra gente e pra os nossos irmãos que irão chegar.

Se vejo uma árvore que não está em bom estado eu vou cuidar dela e ela vai servir tanto para mim como para os demais filhos. Eu me sinto mal quando vou pescar ou mariscar que tiro o marisco do pé de um mangue, porque parece que eu estou cortando algo que eu tenho que cuidar pra que eu possa voltar outras vezes e tirar alguma coisa. Então o que que eu faço? Na hora que eu tiro algum marisco, eu pego a lama e boto em cima do lugar, ali se torna tipo um curativo.

Então sinto que somos um guardião do mangue e do mar. Temos que migrar pra outro lugar pra que deixe aquele lugar botar suas suas ostras de novo, parir suas ostras no lugar de novo. E esses são alguns ensinamentos de Nego Bispo, onde a gente tira o nossa nosso sustento, se a gente não cuidar, quem que vai cuidar?

E esses são alguns dos aprendizados ancestrais que aprendi no quilombo de Dom João e que na universidade tenho tido a oportunidade de repassar.

REFERÊNCIAS

BORGES, Joselita Gonçalves dos Santos. **Essa é a minha filosofia**. Monografia (graduação) - UNILAB, 2018.

BORGES, Joselita Gonçalves dos Santos. A luta como pedagogia: O meio ambiente no Quilombo Dom João (São Francisco do Conde/BA) **Sustentabilidade, Saberes e Vivências no Rural Baiano** / Organizado por Carla Craice da Silva ... [et al.]. Salvador: Pinaúna, Cepex, 2021. 192 p.

DUARTE, Constância; NUNES, Isabella (org.) **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpotela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PINTO, Naiane Jesus; SANTOS, Joselita Gonçalves Dos. GT 4 - Racismo Ambiental e Violação de Direitos no Quilombo Dom João. *In*: VII REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA - REA, MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS E DIÁSPORAS: VIOLAÇÕES DE DIREITOS. **Anais...**Boa Vista: UFRR, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/7rea/480010-GT-4---RACISMO-AMBIENTAL-E-VIOLACAO-DE-DIREITOS-NOQUILOMBO-DOM-JOAO>. Acesso em: 30 ago. 2023.

PINTO, Naiane Jesus. **Na encruzilhada do território pesqueiro**: Uma etnografia dos conflitos territoriais, racismo ambiental e re-existência nas comunidades quilombolas de Dom João e Monte Recôncavo em São Francisco do Conde – BA, Dissertação UFRB, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações. 2015**. Brasília: INCTI/UnB. 5 p.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

TERRITÓRIOS EDUCATIVOS. Disponível: <https://educacaoeterritorio.org.br/conceito-territorios-educativos/>. Acesso em: 30 mar. 2024.